

Gabriella Rossetti Ferreira

(Organizadora)

Educação: Políticas, Estrutura e Organização

9

Atena Editora

2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Geraldo Alves

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : políticas, estrutura e organização 9 /
Organizadora Gabriella Rossetti Ferreira. – Ponta Grossa (PR):
Atena Editora, 2019. – (Educação: Políticas, Estrutura e
Organização; v. 9)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-310-1

DOI 10.22533/at.ed.101190304

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Currículo
escolar – Brasil. 3. Educação – Pesquisa – Brasil. 4. Políticas
educacionais. I. Ferreira, Gabriella Rossetti. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A obra “Educação: Políticas, Estrutura e Organização – Parte 9” traz capítulos com diversos estudos que se completam na tarefa de contribuir, de forma profícua, para o leque de temas que envolvem o campo da educação.

A educação é uma atividade que se expressa de formas distintas, envolvendo processos que tem consequências nos alunos, possui métodos que precisam ser compreendidos; envolve o que se pretende, o que se transmite, os efeitos obtidos, agentes e elementos que determinam a atividade e o conteúdo (forças sociais, instituição escolar, ambiente e clima pedagógico, professores, materiais e outros) (SACRISTÁN, 2007).

O conceito de educação é inseparável do ente subjetivo que lhe dão atributos diferenciados. A educação é algo plural que não se dá de uma única forma, nem provém de um único modelo; ela não acontece apenas na escola, e às vezes a escola nem sempre é o melhor lugar para que ela ocorra. A escola deve estar pronta para atender a diversidade cultural, conduzindo a aceitação e o respeito pelo outro e pela diferença, pois se valoriza a ideia de que existem maneiras diversas de se ensinar e conseqüentemente diferentes formas de organização na escola, onde seja levado em consideração a complexidade da criação de um currículo que atenda o desafio de incorporar extensivamente o conhecimento acumulado pela herança cultural sem perder a densidade do processo de construção do conhecimento em cada indivíduo singular.

A escolaridade faz parte da realidade social e é uma dimensão essencial para caracterizar o passado, o presente e o futuro das sociedades, dos povos, dos países, das culturas e dos indivíduos. É assim que a escolarização se constitui em um projeto humanizador que reflete a perspectiva do progresso dos seres humanos e da sociedade.

Em uma escola democrática não há barreiras educacionais, eliminam-se a formação de grupos com base na capacidade dos alunos, provas preconceituosas e outras iniciativas que tantas vezes impedem o acesso e permanências de todos na escola, proporcionando um ensino de qualidade para todos, sem exclusão.

Gabriella Rossetti

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| NA CAMINHADA PARA EDUCAR JOVENS E ADULTOS PERPASSEI PELA ALFABETIZAÇÃO E PELO LETRAMENTO | |
| Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903041 | |
| CAPÍTULO 2 | 12 |
| NÃO EXISTE PECADO DO LADO DE BAIXO DO EQUADOR: A LINHA TÊNUE ENTRE SEGREGAR E RESISTIR | |
| Enéas Machado Sandra Regina Trindade de Freitas Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903042 | |
| CAPÍTULO 3 | 20 |
| NÃO TE ESCUTO: (SOBRE)VIVER NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR | |
| Leonardo Farias de Arruda Ricard José Bezerra da Silva Juliana Fonsêca de Almeida Gama | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903043 | |
| CAPÍTULO 4 | 31 |
| NIM: EFICIENTE RECURSO DIDÁTICO NA APRENDIZAGEM DA DIVISÃO | |
| Márcia Aparecida de Macêdo Silva Josélia Paes Ribeiro de Souza Fernanda Viana de Castro | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903044 | |
| CAPÍTULO 5 | 47 |
| NOTÍCIAS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA: DO PASSADO ÀS INOVAÇÕES EDUCACIONAIS DOS SÉCULOS XX E XXI, EM BUSCA DE UMA EDUCAÇÃO DE QUALIDADE | |
| Solange de Carvalho Guedes | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903045 | |
| CAPÍTULO 6 | 60 |
| O BIOMA CERRADO: PLANTANDO NO PRESENTE OS DESEJOS PARA O FUTURO | |
| Marcelo Duarte Porto Everson Inácio de Melo Sheyla de Oliveira Martins Thiago Gonçalves dos Santos Stefania Amaral Ricardo Ferreira Letícia Sousa Silva Ronivaldo Silva Leal dos Santos Vanusa Rodrigues Caixeta | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903046 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 7 | 66 |
| O CONTO DE FADAS NO DESENVOLVIMENTO DA ORALIDADE EM ALUNOS DO ENSINO ESPECIAL | |
| Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem Marta Brügger | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903047 | |
| CAPÍTULO 8 | 76 |
| O CORTIÇO: LEITURAS POSSÍVEIS ATRAVÉS DAS CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E DO MÉTODO RECEPCIONAL NOS CONTEXTOS DE SALA DE AULA DA EJA | |
| Ferdirammar Farias Freitas | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903048 | |
| CAPÍTULO 9 | 84 |
| O CURRÍCULO ESCOLAR NA PERSPECTIVA DE UMA GESTÃO DEMOCRÁTICA DE UMA ESCOLA MUNICIPAL | |
| Maria Luiza de Santana Gomes Haniel Regina Dias de Lima | |
| DOI 10.22533/at.ed.1011903049 | |
| CAPÍTULO 10 | 94 |
| O ENSINO DA ARTE E A SUSTENTABILIDADE: UM DESPERTAR DO SENSO AMBIENTAL NO ENSINO FUNDAMENTAL | |
| João Victor Batista da Conceição Leidiane dos Santos Lima Romildo de Araújo Sousa | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030410 | |
| CAPÍTULO 11 | 103 |
| O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA: UMA VIA DE INSERÇÃO SOCIAL PARA OS IMIGRANTES HISPANO HABLANTE EM RORAIMA | |
| Maria Betânia Gomes Grisi Cila Vergínia da Silva Borges Hilton de Sá Rodrigues Maria de Fátima Freire de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030411 | |
| CAPÍTULO 12 | 115 |
| O ENSINO DE MATEMÁTICA NOS ANOS INICIAIS DO FUNDAMENTAL: DA BNCC A ARGUMENTAÇÃO EM PAUTA | |
| Joyce Almeida Ataíde Alves Maria José Guerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030412 | |
| CAPÍTULO 13 | 125 |
| O ENSINO TÉCNICO À LUZ DA DIMENSÃO ÉTICA DISCENTE | |
| Geise Franciele Ferreira Neves Luciana Maria Caetano Betânia Alves Veiga Dell'Agli | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030413 | |

CAPÍTULO 14 142

O ESPAÇO DA COORDENAÇÃO COLETIVA NA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES: PERCEPÇÕES E DESAFIOS NO CONTEXTO DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DO DISTRITO FEDERAL

Loryne Viana de Oliveira
Suzana Medeiros de Souza Aguiar
Mônica Angélica Barbosa de Almeida

DOI 10.22533/at.ed.10119030414

CAPÍTULO 15 152

O ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO INICIAL DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

Cristh Júnior Pereira Carvalho
Janeisi de Lima Meira
Maurício Castro Gonçalves de Jesus

DOI 10.22533/at.ed.10119030415

CAPÍTULO 16 161

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: UMA EXPERIÊNCIA COM ÊNFASE NA PESQUISA NO CURSO DE PEDAGOGIA DA UEG - CAMPUS FORMOSA

Karina dos Reis Bittar
Marilda de Paula Mamedio
Sônia Bessa

DOI 10.22533/at.ed.10119030416

CAPÍTULO 17 173

O ESTÍMULO DA FAMÍLIA E A PROMOÇÃO DA APRENDIZAGEM DE UMA EDUCANDA COM SÍNDROME DE DOWN

Xênia da Mota Araújo Lima
Ingrid da Mota Araújo Lima;

DOI 10.22533/at.ed.10119030417

CAPÍTULO 18 184

O INTÉRPRETE NA FIGURAÇÃO DO ENSINO SUPERIOR: REFLEXÕES E PRÁTICAS A PARTIR DE NORBERT ELIAS

Euluze Rodrigues da Costa Junior
Reginaldo Célio Sobrinho
Lucyenne Matos da Costa Vieira-Machado

DOI 10.22533/at.ed.10119030418

CAPÍTULO 19 195

O JOGO “CARTADA ORGÂNICA” COMO ESTRATÉGIA DE METODOLOGIA NO ENSINO EM QUÍMICA

Cynthia Pereira dos Santos
Gilson Silva Filho
Otoniel de Aquino Azevedo
Bruna D´nadai do Nascimento
Eliana da Silva Santos
Cíntia Cristina Lima Teixeira

DOI 10.22533/at.ed.10119030419

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 20 | 203 |
| O JOGO DO SOBE E DESCE COMO RECURSO METODOLÓGICO NAS AULAS DE MATEMÁTICA NO 2º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL | |
| Amanda Juvino Soares Mônica Augusta dos Santos Neto Claudiene dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030420 | |
| CAPÍTULO 21 | 214 |
| O JOGO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: INSTRUMENTO DE CRIAÇÃO A PARTIR DA LINGUAGEM TEATRAL | |
| Pedro Paulo Galdino Vitorino Dias. Clarice da Silva Costa. | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030421 | |
| CAPÍTULO 22 | 231 |
| O MOVIMENTO E A INTERAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA POR MEIO DE BRINCADEIRAS | |
| Luzia Xavier de Oliveira Andressa Nayara Barros Correa Freitas Sidney Benedito da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030422 | |
| CAPÍTULO 23 | 245 |
| O MUNDO DO TRABALHO PARA ANALFABETOS E PARA ALUNOS DO 1º SEMESTRE DO PRIMEIRO SEGMENTO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS | |
| Arthur Ferreira da Costa Lins Keila Núbia Barbosa Ibrahim Abdelkarem | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030423 | |
| CAPÍTULO 24 | 256 |
| O PACTO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA E AVALIAÇÃO NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO (ANA): BREVE RELATO | |
| Edson Vieira da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030424 | |
| CAPÍTULO 25 | 263 |
| O PAPEL DOS MOVIMENTOS ESTUDANTIS NO PROCESSO DE RESISTÊNCIA AO NEOCOLONIALISMO | |
| Anna Marina Paes Montysuma Hildo Cezar Freire Montysuma | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030425 | |
| CAPÍTULO 26 | 275 |
| O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO E AVALIAÇÃO DE JOGOS COGNITIVOS DIGITAIS: CONTRIBUIÇÕES À APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR | |
| Daniela Karine Ramos Bruna Santana Anastácio | |
| DOI 10.22533/at.ed.10119030426 | |

CAPÍTULO 27 288

O PROGRAMA BOLSA FAMÍLIA (PBF) E O PROCESSO DE REPRODUÇÃO SOCIAL: UMA ANÁLISE CRÍTICA À LUZ DOS/AS PROFISSIONAIS E GESTORES DA ESCOLA NAZINHA BARBOSA DA FRANCA

Celyane Souza dos Santos
Maria Nazaré dos Santos Galdino
Eryenne Lorryne Sayanne Silva do Nascimento
Amanda Raquel Medeiros Domingos
Maria de Fátima Leite Gomes

DOI 10.22533/at.ed.10119030427

CAPÍTULO 28 298

O PROJETO ESCOLA DE TEMPO INTEGRAL (PROETI) COMO POLÍTICA PÚBLICA EM ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA EM DIAMANTINA-MG: MAIS TEMPO DE UMA OUTRA EDUCAÇÃO?

Wanderléia Lopes Libório Figueiredo
Maria do Perpétuo Socorro de Lima Costa

DOI 10.22533/at.ed.10119030428

CAPÍTULO 29 310

O PROTAGONISMO NARRATIVO DO JOVEM: UMA (NOVA) CONSTITUIÇÃO DO SABER

Isadora Ortácio Schmidt Buske
Cilene de Lurdes Silva

DOI 10.22533/at.ed.10119030429

CAPÍTULO 30 320

“O SONHO DE MARIA” UMA EXPERIÊNCIA NO CAMPO DE ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS EM AMARAJI/PE

Aparecida do Carmo Fernandes Cheroti

DOI 10.22533/at.ed.10119030430

CAPÍTULO 31 326

O TEATRO COMO METODOLOGIA ATIVA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Elvira Santana Amorim da Silva
Maria Magaly Vidal Maia
Andreyne Javorski Rodrigues
Juliana Lemos Zaidan
Priscyla Dayane das Chagas Lira

DOI 10.22533/at.ed.10119030431

CAPÍTULO 32 331

O TEATRO NA CONSTRUÇÃO DO LETRAMENTO DOS ESTUDANTES DA EDUCAÇÃO BÁSICA- RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA DO PIBID – LETRAS PORTUGUÊS

Luana Ewald
Andressa Regiane Gesser
Larissa Patricia Theiss
Suelen Ramos
Henrique Mengisztki

Silvane Terezinha de Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.10119030432

CAPÍTULO 33 346

O TRABALHO DO PROFESSOR MT NAS ESCOLAS DE CABO FRIO

Helaine Soares

DOI 10.22533/at.ed.10119030433

SOBRE A ORGANIZADORA..... 358

O CORTIÇO: LEITURAS POSSÍVEIS ATRAVÉS DAS CONTRIBUIÇÕES DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO E DO MÉTODO RECEPCIONAL NOS CONTEXTOS DE SALA DE AULA DA EJA

Ferdiramar Farias Freitas

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Campina Grande/PB

RESUMO: A Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta-se como um processo de escolarização que busca a (re)inserção dos sujeitos que a compõem nos contextos sociais como cidadãos não marginalizados, mas como sujeitos detentores de conhecimentos que os dignifiquem nos processos de construção social. A leitura de textos que contribuam para os sujeitos (re)pensarem suas realidades faz-se necessária, por ser através dela que se estabelece práticas de letramento que vão configurar um constante diálogo entre as realidades dos sujeitos e as realidades apresentadas e, dialeticamente, questionadas nos textos. O Cortiço de Aluísio Azevedo apresenta-se como um desses textos que estabelecem possibilidades de discussões, por trazer à tona contextos sociais que ainda estão presentes na sociedade contemporânea, como a inter-relação de culturas, a homossexualidade, entre outros. Este trabalho teve como objetivos estabelecer a reflexão e a (re)significação dos sujeitos sociais da EJA; estabelecer processos de construção do leitor crítico e proficiente; promover processos de letramento a partir das discussões instauradas. As leituras realizadas

foram feitas sem a descaracterização do texto, respeitando a linguagem e estabelecendo uma dialética entre autor-texto-leitor. Essas práticas de leituras estabelecem um letramento que vai além de uma simples reflexão social, ele vai possibilitar uma tomada de consciência diante de determinadas problemáticas nas (re) configurações do espaço social.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura, leitor proficiente, multiletramento, EJA.

ABSTRACT: Youth and Adult Education (EJA) presents itself as a process of schooling that seeks to (re) insert the subjects that make up the social contexts as non-marginalized citizens, but as subjects that possess knowledge that dignify them in the construction process Social. The reading of texts that contribute to the subjects (re) thinking their realities is necessary, because it is through it that establishes literacy practices that will configure a constant dialogue between the realities of the subjects and the realities presented and, dialectically, questioned in the texts. The Cortiço de Aluísio Azevedo presents itself as one of those texts that establish possibilities for discussion, by bringing to the surface social contexts that are still present in contemporary society, such as the interrelation of cultures, homosexuality, among others. The objective of this work was to establish the reflection and (re) signification of the social

subjects of the EJA; establish critical and proficient reader building processes; promote literacy processes based on the discussions. The readings were made without the de-characterization of the text, respecting the language and establishing a dialectic between author-text-reader. These practices of reading establish a literacy that goes beyond a simple social reflection, it will enable an awareness of certain issues in the (re) configurations of social space.

KEYWORDS: Reading, proficient reader, multiletramento, EJA.

1 | INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) apresenta-se como um processo de escolarização que busca a (re)inserção dos sujeitos que a compõem nos contextos sociais como cidadãos não marginalizados, mas como sujeitos detentores de conhecimentos que os dignifiquem nos processos de construção social.

Essa modalidade de ensino requer um olhar mais direcionado para as reais necessidades de seus estudantes, principalmente, no que diz respeito aos processos de leitura e as várias possibilidades de letramento. A leitura, quando planejada e direcionada, promove o letramento a partir da reflexão e do questionamento do lugar em que se encontra, estabelecendo um processo de ressignificação social do sujeito, a partir de práticas que venham a ser configuradas como novas possibilidades de atuação social.

Pensar a partir dessas concepções é ir ao encontro de Freire (2001, p. 37), quando afirma que “[...] ser no mundo significa transformar e re-transformar o mundo e não adaptar-se a ele. [...] nossas principais responsabilidades consistem em intervir na realidade e manter nossa esperança.” Os processos de leitura estabelecidos nos contextos de sala de aula precisam conceber o sujeito enquanto ser transformador de sua realidade na contínua (re)construção da cidadania.

A leitura de textos que contribuam para os sujeitos (re)pensarem suas realidades faz-se necessária, por ser através dela que se estabelece práticas de letramento que vão configurar um constante diálogo entre as realidades dos sujeitos e as realidades apresentadas e, dialeticamente, questionadas nos textos.

O Cortiço de Aluísio Azevedo apresenta-se como um desses textos que estabelecem possibilidades de discussões, por trazer à tona contextos sociais que ainda estão presentes na sociedade contemporânea, como a inter-relação de culturas, a homossexualidade, a relação entre patrão e empregados, riqueza e pobreza, o capitalismo como personagem, o homem como ser, muitas vezes, irracional em suas atitudes, entre outros que vão surgindo ao longo das leituras.

As práticas de leitura estabelecidas nos contextos de sala de aula, nas segundas séries do Ensino Médio EJA, em uma escola Estadual do município de Arcoverde/PE, diante de O Cortiço de Aluísio de Azevedo, realizaram-se através das contribuições

da estética da recepção de Jauss (1994), do método recepcional de Bordini & Aguiar (1993), das concepções de leitor de Iser (1996) e Barthes (1987), do letramento literário de Cosson (2006) e do multiletramento de Rojo & Moura (2012), nas concepções de educação apresentadas por Freire (2001).

O trabalho teve como objetivo estabelecer a reflexão e a (re)significação dos sujeitos sociais da EJA, diante de contextos apresentados na obra que vão ao encontro de práticas sociais na atualidade. Essa prática de leitura teve como propósito, também, estabelecer processos de construção do leitor crítico e proficiente a partir dos processos de ruptura configurados pelos sujeitos durante o percurso de leitura. Ainda teve-se como objetivo promover processos de letramento a partir das discussões instauradas, nos contextos de sala de aula, sobre as diversas temáticas que requerem um posicionamento do sujeito que valorize os direitos humanos no contínuo processo de cidadania.

2 | METODOLOGIA

Inicialmente foram estabelecidas discussões acerca de temáticas da esfera social da atualidade, como a ausência de oportunidades para a ascensão social de pessoas com baixa renda, entre outros, com o intuito de identificar o *horizonte de expectativas* dos sujeitos, para depois atender a esse *horizonte*, estabelecendo o método recepcional de Bordini & Aguiar (1993, p. 42), que “trata-se, [...], de um método eminentemente social, pois há uma constante interação das pessoas envolvidas, considerando-as sujeitos da História”. O atendimento do horizonte deu-se através de leituras que iam ao encontro do nível dos sujeitos, desencadeando, conseqüentemente, discussões que os estabeleciam em um estado de fruição compreensiva e compreensão fruidora, como afirma Jauss (*apud* ZILBERMAN, 1989),

“não há conhecimento sem prazer, nem a recíproca, levando-o a formular um par de conceitos que acompanham suas reflexões posteriores: os de fruição compreensiva [...] e compreensão fruidora [...] processos que ocorrem simultaneamente”. (p. 53).

A fruição compreensiva ao ser confirmada no momento do atendimento do *horizonte de expectativas*, por serem leituras que podiam ser compreendidas facilmente, por tratarem-se de uma linguagem e de um conteúdo que iam ao encontro do nível social, histórico e cultural dos leitores, pôde mostrar que era o momento de estabelecer a terceira parte do método, a ruptura do *horizonte de expectativas*, trazendo para a realização de leituras textos que viessem a promover a compreensão fruidora, leituras que iam desafiar o leitor a debruçar-se com mais afinco e dedicação, por justamente serem leituras que estavam inseridas em um nível mais elevado do que o dos sujeitos.

O Cortiço de Aluísio de Azevedo foi apresentado como sendo uma leitura desafiante que poderia ser lida por eles, os estudantes, a partir de sequências

individuais e/ou coletivas, como também era uma obra que apresentava temáticas que, atualmente, ainda são discutidas e que precisavam de um olhar mais apurado nos direitos humanos diante dos segmentos sociais, fazendo, constantemente, uma contextualização da cultura do século XIX, em se passa a obra, e o atual, mostrando que determinadas temáticas ainda merecem reflexão diante do que seja cidadania. Diante disso, foi feito o questionamento: “você ‘topam’ ler”. Um deles disse: “eu sei lá, professor” (sic), outro alegou: “eu vou tentar, mas ... não sei se consigo, eu nunca li um livro” (sic), outro, ainda, falou: “eu quero lê, eu tô aqui pra aprender.” (sic). As falas evidenciam como cada um recebeu o texto desafiador para a leitura, expressando seu horizonte sócio-cultural.

Para Barthes (1987) o texto que promove a construção de um leitor crítico que reflete seu contexto e a partir dessa reflexão (re)significa seu contexto social é aquele que não

contenta, enche, dá euforia; aquele que vem da cultura, não rompe com ela, está ligado a uma prática confortável da leitura. Texto de fruição é aquele que põe em estado de perda, aquele que desconforta, faz as bases históricas, culturais, psicológicas, do leitor, a consistência de seus gostos, de seus valores e de suas lembranças, faz entrar em crise sua relação com a linguagem. (p. 21).

A leitura de *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo pôde se instaurar como essa leitura de fruição, que desconfortou, que foi de encontro ao nível cultural de leitura dos estudantes, promovendo uma ruptura nos gostos e estabelecendo conflitos com a linguagem.

Os processos de leitura da obra tiveram início com uma apreciação da capa diante da ilustração, em um processo de predição, onde os leitores iam sugerindo contextos que poderiam estar presentes ao longo de todo o texto. Logo após, iniciou-se a leitura do texto em si, onde o professor mediador instaurou a leitura lendo para os estudantes, mostrando as inter-relações de cenas que iam se cruzando e estabelecendo os contextos de *O Cortiço*, ao tempo que ia sendo feita uma contextualização da obra com os hábitos e o cenário social, político e econômico do século XIX no Brasil a partir de discussões comparativas entre o contexto da obra e o da atualidade.

Ao longo das leituras que foram realizadas o leitor foi considerado como sujeito ativo no processo, não como apenas um falante que decodifica, estabelecendo, assim, uma relação dialética contínua, entre autor-texto-leitor, compreendendo o leitor como agente das discussões e o professor como mediador do processo. Para Barthes (1987, p. 51) durante o processo de leitura, “o leitor é tomado por uma intervenção dialética: finalmente ele não decodifica, ele sobredecodifica; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia.” O leitor crítico constrói-se nessa intervenção dialética estabelecida pelas linguagens, no momento em que é atravessado. Foi nessa travessia, sendo ele mesmo a própria travessia, que o leitor da EJA rompeu com seu *horizonte de*

expectativas, com seu nível de leitura, e iniciou a construção de leitor crítico diante dos contextos que a eles eram apresentados.

Conforme Iser (1996, p. 66), “o leitor ideal é, à diferença de outros tipos de leitores, uma ficção.” A concepção de leitor ideal é algo que não se concebe nas contribuições da estética da recepção, pois, ao considerar o contexto sócio-histórico e cultural em que se estruturou o texto também se considera o contexto em que se encontra o leitor, no processo de interpretação e produção de sentidos. Assim, a cada leitura realizada, na relação dialética entre autor-texto-leitor, é um novo leitor implícito que se constrói, sempre passível de discussões que integrem os contextos na significação dos sujeitos.

Foram feitos, também, grupos, cada um com uma determinada parte para leitura e, posteriormente, apresentação e discussão, onde os participantes da equipe discutiam entre si e com os demais colegas de sala. Nesse momento, foram necessárias pesquisas no dicionário, diante de palavras desconhecidas, daí foram pertinentes explicações, por parte do professor mediador, dos possíveis sentidos que tinham de ser levados em conta para as palavras postas no texto.

As temáticas apresentadas no percurso da leitura, como a homossexualidade, as relações entre patrão e empregados, riqueza e pobreza, o capitalismo como personagem, entre outros, foram razão para análise, questionamentos e discussão, diante dos contextos da obra e do cotidiano da vida atual, configurando a quarta parte do método recepcional, o questionamento acerca de hábitos e práticas sociais determinadas pelo contexto histórico, político e econômico da época, bem como a quinta parte, a assimilação, onde os leitores iam relacionando tais práticas às da atualidade, sempre refletindo a que precisaria ser (re)significada, enquanto postura dos sujeitos envolvidos nas diversas relações da sociedade. Diante dessa constatação, pôde-se perceber que instaurava um contínuo letramento literário. Como diz Cosson (2006) que o letramento literário

é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem alerta Magda Soares, mas sim como faz essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização (p. 23).

As leituras realizadas, no espaço de sala de aula, foram feitas sem a descaracterização do texto, mas ao contrário, respeitando a linguagem e estabelecendo uma dialética entre autor-texto-leitor, em um letramento literário que confirmou o poder de humanização do texto literário. Isso vai ao encontro, também, do que afirma Rojo (2012) quando, sobre os textos, afirma que

(a) eles são interativos; mais que isso, colaborativos; (b) eles fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas, em especial as relações de propriedade (das máquinas, das ferramentas, das ideias, dos textos [verbais ou não]); (c) eles são híbridos, fronteiros, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas).

Os múltiplos letramentos da vida social foram construídos através das análises, discussões e (re)significações de posicionamentos dos sujeitos diante das temáticas que estruturaram a vida cotidiana a obra e estruturam a da atualidade, no momento em que primou-se pelo que é ético e concordante com os direitos humanos, o que mostrou a sala de aula como um espaço de interações que possibilitou múltiplas interpretações na construção de sentidos.

As leituras de *O Cortiço* de Aluísio Azevedo construíram-se, ao longo de todo o texto que compõe o romance, através de reflexões que foram da identificação do *horizonte de expectativas* dos sujeitos, do atendimento, da ruptura, dos questionamentos à assimilação, estabelecendo processos dialéticos contínuos entre autor-texto-leitor, promovendo práticas de leitura que conceberam aos sujeitos da EJA possibilidades de construir-se enquanto leitores proficientes.

3 | RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos foram estudantes mais críticos, enquanto sujeitos de determinadas práticas sociais. Pôde-se perceber diversos posicionamentos diante de certas temáticas apresentadas, que antes eram, para eles, apenas apresentadas e recebidas sem a criticidade necessária para o estabelecimento das discussões.

As discussões no espaço de sala de aula passaram a ter um caráter mais contextual e significativo, os textos da Língua Portuguesa a eles apresentados, após essa prática de leitura, deixaram de ser “algo seco”, sem relação com suas vivências sociais, tudo passou a ser passível de discussão, o que construiu aulas mais “reais” devido ao envolvimento dos estudantes nos temas em pauta.

Outro ponto que merece atenção foi a preocupação expressa pelos alunos com o uso das palavras que eram postas em discussão, tanto nas exposições orais como nas escritas, pois a prática de usar o léxico e construir o sentido adequado da palavra em pesquisa ao texto proporcionou um melhor uso da língua pelo falante. Durante as leituras, muitos discentes iam melhorando seu “parecer” diante dos pontos postos em debates, muitos começaram a ter uma postura mais compreensiva e respeitosa, diante de temáticas como a homossexualidade, que antes era motivo de risos e ironias, quando abordado em sala de aula.

Alguns fizeram inferências sobre suas relações com seus padrões diante das abordagens do sistema capitalista, o que suscitou, também, a questão dos direitos trabalhistas que estão postos em discussão na atualidade. Ainda expuseram os contextos de moradia precária, em sua maioria, em que vivem parentes no Estado de São Paulo de anos passados até hoje, uma questão tão presente na vida de nordestinos que migram para o sudeste.

A turma, ao término das leituras, em sua maior parcela, alegou o quanto foi importante ler um livro, o que para muitos era, praticamente, impossível, e as reflexões

que eles passaram a fazer diante de contextos comuns do cotidiano, que para eles, agora, tinham outras questões a serem pensadas e debatidas. As discussões sobre temáticas quaisquer da sociedade atual ficaram frequentes e “preencheram” os “vazios” que antes eram visíveis nos contextos de sala de aula.

4 | CONCLUSÕES

A construção de leituras, no espaço de sala de aula, em particular na EJA, deve estabelecer discussões que priorizem os contextos dos sujeitos, nos processos de leituras debruçadas sobre determinadas obras selecionadas para os estudantes, pois pôde-se perceber que é preciso estabelecer relações possíveis entre esses contextos para fazer sentido para os discentes, diante das possibilidades de construção de leituras no estabelecimento de letramentos que vão (re)significar as práticas do cotidiano desses alunos.

Trazer para as práticas de leitura as contribuições da estética da recepção e do método recepcional proporcionou uma abordagem do texto de forma pertinente, pois possibilitou, inicialmente, identificar o *horizonte de expectativas* dos leitores, o que fez com que fosse estabelecido situações de envolvimento do sujeito com o texto, em um processo de interdependência, sendo ambos, por momentos, um só contínuo significativo. Como também e, principalmente, a instauração do momento de ruptura, por ser esta parte a real contribuição da leitura ao sujeito, ao ofertar a possibilidade de apreensão de novos contextos e discussões que antes não tinham sido vivenciadas, e se foram não com essa contribuição às ações na esfera social.

Pensar em práticas de leitura a partir das concepções sobre leituras de fruição é, sem dúvidas, compreender a importância de proporcionar ao estudante leituras que o façam (re)pensar sua postura e o contexto social em que está submerso, a partir de reflexões diante de si e do texto que a ele se apresenta. Isso vai ao encontro de leitores implícitos que são construídos na contínua relação entre autor-texto-leitor, sempre refletindo que a cada contexto de leitura ao discente proporcionado é um novo leitor que surge em um constante processo de construção dialética.

Essas práticas de leituras podem ser de muita contribuição para as transformações das realidades dos alunos, por estabelecer um letramento que vai além de uma simples reflexão social, ele vai possibilitar uma tomada de consciência diante de determinadas problemáticas que antes não se tinha, o que os leva a sugerir novos caminhos de convivência na busca de melhores (re)configurações do espaço social.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. COMPGNON, Antoine. Leitura. In: **Enciclopédia Einaudi**. Porto: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1987. v.11, p. 184-206.

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura – a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Aberto: Mercado Aberto, 1993.

COSSON, Rildo. Letramento literário: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2006.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. v. 23. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. v.1. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996.

JAUSS, H. R. VII. In: **A história da literatura como provocação literária**. São Paulo: Ática, 1994, 27-30.

ROJO, R.; MOURA, E. (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989.

SOBRE A ORGANIZADORA

Gabriella Rossetti Ferreira

- Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação Escolar da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Mestra em Educação Sexual pela Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil.
- Realizou parte da pesquisa do mestrado no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa (IEUL).
- Especialista em Psicopedagogia pela UNIGRAN – Centro Universitário da Grande Dourados - Polo Ribeirão Preto.
- Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Araraquara, Brasil. Agência de Fomento: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.
- Atua e desenvolve pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade, Formação de professores, Tecnologias na Educação, Psicopedagogia, Psicologia do desenvolvimento sócio afetivo e implicações na aprendizagem.

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/0921188314911244>

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-310-1



9 788572 473101